

LVCERNA

HOMENAGEM A

D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA / DELEGAÇÃO R. DO NORTE
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

PORTO — 1984

UM INÉDITO DE NAZONI: A FONTE DAS LÁGRIMAS (NA CIDADE DO PORTO)

Por AURÉLIO DE OLIVEIRA

A passagem sistemática que fizemos nos Livros de Vereações da edilidade portuense (até 1820) e algumas Notas do Tabelião da mesma cidade (que se guardam no Arquivo Distrital) deixou-nos entre mãos um acervo considerável de elementos não só sobre a vida económica, social e institucional que fundamentalmente buscávamos, como ainda outros, particularmente sobre a Arte que marginalmente nos vai interessando. O mesmo se diga de modo muito particular para a cidade de Braga, onde igualmente se percorreram os Livros das Vereações como as Notas do Tabelião de modo, aqui, mais sistemático. Ficámos assim da posse de um número considerável de dados sobre as realizações artísticas particularmente do Barroco. Este aspecto, não nos é completamente marginal no estudo mais alongado que se pretende efectuar — particularmente para a Região do Entre-Douro e Minho — sobre a economia e a sociedade desta importante área económica e demográfica do País. Num estudo sobre as mentalidades, as preocupações e sentimentos artísticos, como a sua própria materialização e concretização formal, terão necessariamente de ser contemplados. Daí a recolha a que vamos procedendo destas informações sem intenção, à partida, delas nos virmos a ocupar de modo específico. Na verdade, as nossas principais preocupações estão presentemente voltadas para o estudo preferencial doutras realidades.

De quando em vez, porém, e por julgarmos de interesse a divulgação de elementos concernentes às manifestações do barroco desta região, iremos dando conta de alguns desses dados sempre que as circunstâncias no-lo proporcionem.

Reportam-se algumas dessas referências a nomes grandes do nosso Barroco Nortenho. Recordamos hoje — e nas presentes circunstâncias — Nazoni para o Porto, mas poderíamos desde já adiantar para o centro bracarense alguns nomes de vulto. Notável é aqui — e adiantamos a notícia em primeira mão — a construção na década de 20 daquilo que consideramos um caso raríssimo do nosso Barroco — um conjunto architectónico urbano: as casas que hoje enquadram a Praça de D. Pedro V — de seu nome verdadeiro Mousinho de Albuquerque (ou Campo Novo) ¹.

As obras referentes a Artistas já consagrados são mais raras, sem dúvida, mas de alguma importância para o conhecimento global dos respectivos autores. Não raro, por outro lado, a sua influência é, às vezes, mais forte e contagiante quando feita através de obras ditas menores. A irradiação, pela mais fácil cópia, imitação ou transposição, era por esta via muito fácil e rápida. Outras das referências — e são de facto as mais numerosas — reportam-se a nomes novos que vão surgindo, nomes mais obscuros, e até aqui pouco conhecidos, mas cuja importância final está, na verdade, ainda por avaliar e conhecer. A divulgação das suas obras e o seu conhecimento é por isso importante, atentas até as obras e os meios em que trabalharam. Para Braga — centro artístico para o qual possuímos maior número de elementos — a numerosidade destes artistas é grande, espalhando-se pelas grandes e pequenas construções e obras da cidade, desde a arquitectura, à pintura e principalmente à talha. A pouco a pouco hão-de vir a conhecimento os artistas que trabalharam na Sé (em várias obras, locais e capelas), Convento da Conceição, Convento do Pópulo, em S. Paulo, Senhora da Penha de França, Senhora dos Remédios, Loreto, S. Francisco, S. Vicente, S. Vítor, Convento do Salvador, Senhora-a-Branca, Santa Cruz, Misericórdia, Recolhimento do Campo da Vinha, Santo António dos Terceiros, S. Marcos, Confraria do Santo Nome de Deus, Santa Maria Madalena do Monte Falperra, Bom Jesus do Monte. Ainda, os que deixaram trabalhos em Fontes e Fontenários da Cidade, para além dos artistas vários que trabalham na grande Abadia beneditina de Tibães — verdadeira oficina do Barroco da Região — a par ainda de outros que nos mosteiros (essencialmente semeados no Entre-Douro e Minho — e não só — veja-se Coimbra, Santarém e Lisboa!)

¹ Algumas dessas casas construídas para André Soares de Araújo. Desse conjunto nos ocuparemos brevemente.

deixaram também obra e não pequena. Isto para não falar também em alguns outros que trabalharam para Igrejas e Capelas de paróquias rurais, como por exemplo S. Estêvão de Penço, S. Martinho de Dume, S. Pedro de Roriz, Vau, S. Fins do Belinho, Sequeira, Areosa (Igreja de S. Simão) S. Miguel de Cabreiros, Fonte Arcada, S.ta Lucrécia, Sarquinhos (Montalegre) Senhora da Abadia, S.ta Marinha de Mogege, Salvador de Fojo Lobal, Cabaços, Bencável, Vila Cova (Barcelos), S. Martinho de Galegos, e ainda numerosas Igrejas Anexas da Abadia de Tibães, ou da Congregação de S. Bento, e mesmo doutros Mosteiros — outros tantos centros beneditinos cuja irradiação e influência foi mais que palpável no campo da arte barroca².

Esta justa homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão (nosso antigo Professor na Faculdade de Letras do Porto³) — a quem o estudo do barroco Portuense tanto deve — propicia-nos a referência de um desses casos respeitantes ao Porto e ao Arquitecto que mais vincadamente marcou e moldou a personalidade artística da Capital do Norte: Nazoni. A vontade de homenagear o antigo professor sobrelevará a imperícia e a brevidade no tratamento do tema.

A nossa intervenção limita-se, quase exclusivamente, a dar notícia de mais uma obra do grande Arquitecto do Barroco portuense.

As presentes disponibilidades não nos permitiram uma pesquisa e estudo alargados sobre a obra aqui referenciada. Nota quase à margem que julgamos, porém, de algum interesse, dado tratar-se de quem se trata — Nicolau Nazoni.

Respeita com efeito esta breve notícia à feitura de uma peça que no contexto das demais se poderá classificar de menor: referimo-nos à Fonte das Lágrimas — Fontenário ornamental que Nazoni riscou e dirigiu para a Câmara do Porto e de cuja execução se encarregou o mestre pedreiro Silvestre Moreira em 1745.

É um assento da Vereação que nos referenciou a autoria de tal obra. Com efeito, a 18 de Setembro de 1745, lavrou-se na Câmara, perante toda a Edilidade, a arrematação para a execução da mesma. Foi arrematante o Mestre de pedraria, Silvestre Moreira, natural da freguesia de Moreia. Este mestre pedreiro havia-se já anteriormente

² Reportam-se todas essas obras e contratos apenas aos séculos XVII e XVIII.

³ Que também acompanhámos nas primeiras pesquisas arqueológicas que se efectuaram na colina de Maximinos em Braga.

desempenhado, só em comandita com outros de várias obras na cidade e arredores. Posteriormente viria ainda a ter responsabilidade noutras como, por exemplo, na reedificação da Igreja de Santa Marinha em Vila Nova de Gaia ⁴.

O que está aqui em questão não é tanto a responsabilidade da execução, como sobretudo a autoria do risco. E não pudemos surpreender outra fonte que, para além dessa acta, nos indicasse tal autoria.

Naquela Vereação se refere, com efeito, que o Mestre pedreiro Silvestre Moreira executará a obra «na forma do modelo e apontamentos q̄ fes D. Nicolao Nazoni», tendo-se obrigado pela quantia de trezentos e noventa mil reis a «dar cumprimento a tudo que se achar no d.t.º modello e apontam.ºs». A execução da obra — para cujo início Silvestre Moreira recebeu, de imediato cem mil reis — não lhe ficou entregue, sem mais. A Nazoni se reservava a obrigação da superintendência e vistoria da mesma, afim de que seguisse conforme o traço que havia apresentado para o acto da arrematação. Por isso se estipula que «p.ª uer se vay tudo na forma do d.º Modello e apontam.ºs hira ver o dt.º Nicolao Nazoni com o o Procurador da Cid.ª».

O executante receberia em mais dois pagamentos o preço estipulado na arrematação: Cem mil reis a meio da execução e os restantes cento e noventa e mil reis após a sua inteira conclusão ⁵.

Num busquejo necessariamente rápido, (por mais nos não permitirem as presentes circunstâncias), viemos a constatar de uma certa dificuldade em identificar esta obra de autoria inegável do grande arquitecto do Porto. E isto nos surpreendeu.

A referência obrigatória eram as «Fontes e Chafarizes do Porto» ⁶, «os Aquedutos Fontes e Chafarizes do Velho Porto» ⁷ e ainda a «Descrição histórica das Arcas e Aqueductos e Fontes da Cidade do Porto» ⁸, que em nada nos elucidaram, tanto mais que um

⁴ Cf. A. Magalhães Basto. *Apontamentos para um dicionário de Artistas que trabalharam no Porto do Século XV ao Século XVIII*. Publ. da Câmara M. do Porto, pp. 432-509 (Doc. e Mem. para a Hist. da Cidade do Porto).

— Arq. Distrital do Porto. Nota do Tâbelião. P. O. — 8 218, pp. 138-139.

⁵ G. H. da Cidade. *Lv. de Vereações n.º 79* (anos 1744-1746) p. 86 v.

⁶ De B. Xavier Coutinho. (Porto, 1961, «Boletim Cultural C. do Porto» vol. XXIV, Fasc. 1-2).

⁷ Antão de Almeida Garrett (Porto, 1967, «Boletim Cultural» cit.

⁸ «com designação dos Particulares e Corporações a quem é fornecida a água tanto de beber como vertentes de tanques. Porto, 1838 (publicado também n'«O Tripeiro, 1.ª Série».

«Índice do Arquivo» do Século XIX anotava uma chamada Fonte das Lágrimas como sendo hoje (século XIX) a Fonte de «Mal-me-ajudas»⁹. Esta anda, de facto, referida naqueles tratados. Nada adiantam, porém, quanto à sua autoria — na Acta da Vereação de 1745 dada como de Nazoni. Os «livros de Cofre» são mudos quanto a pagamentos feitos por esta obra quer a Nazoni, quer a Silvestre Moreira. O Lv. dos Próprios n.º 72 referia, alfim, a existência de uma «descrição do chafariz de Mal-me-ajudas» o que, a ser certo o ter mudado de nome, e a ser esta de facto a obra de Nazoni, nos deveria dar não só a descrição pormenorizada como a confirmação da autoria da mesma. Todavia, a p. 129 desse Livro (Manuscrito) se anotava que as folhas respeitantes a essa fonte com a sua descrição tinham sido dali retiradas. Não se sabendo onde foram parar ficavamos vedada, por aqui, a pista possivelmente aberta¹⁰.

A Fonte de Mal-me-ajudas anda em parte referenciada na «Descrição Histórica das Arcas» — publicada em 1838, (e bem como n'«O Tripeiro») — impressões feitas a partir de um rol Manuscrito existente no Gabinete de História da Cidade. Pouco ou nada adiantam, porém, para a identificação desta fonte¹¹.

Por outro lado, nas Notas de Tabelião da Cidade do Porto referentes ao ano de 1745 não nos foi possível encontrar qualquer contrato nem com Nazoni, nem com Silvestre Moreira sobre esta Fonte das Lágrimas. E ali, em princípio, deviam ter sido lavrados ou registados tais contratos, como era norma habitual e corrente, e como aliás se verifica para outros casos.

Encarregara-se da feitura da obra, o mestre de pedraria Silvestre Moreira. O que nos dava à partida alguma possibilidade da identificação da mesma. E Magalhães Basto entre outras obras em que participou este mestre de pedraria refere precisamente a Fonte das Lágrimas, cuja autoria, porém não aponta. E, o que mais con-

⁹ Índice Ms. existente no Gab. de História da Cidade.

¹⁰ É justo que deixemos aqui expresso o nosso grato reconhecimento, à Dr. Adelaide de Azevedo Meireles — Conservadora do Gabinete de História — Casa do Infante — Porto pela ajuda solícita que nos prestou na tentativa de referenciação desta obra de Nazoni.

¹¹ Referem-se, na verdade, e tão só, as águas propriamente ditas: «Não ha memoria de quando se comprasse esta agua mas ha lembrança de custar 600\$00 rs. Hé abundante e tinha excelente sabor que já não he tão bom na fonte da Ribeira à qual fornece agua». (*Descrição Histórica das Arcas...* Porto, Typ. Gandra e Filhos, 1838). Xavier Coutinho, coloca essa fonte de Mal-me-ajudas «defronte da Capela do Senhor de Além do Rio» (*ob. cit.*, p. 434).

fusos nos deixou — porque não refere os elementos em que se apoia-remete essa Fonte para fora do Porto: acima de Carvalhido ¹². Por conseguinte, fora do centro onde supúnhamos: a zona da Ribeira (junto do Rio Douro — como se entendia da identificação com a Fonte de Mal-me-ajudas).

Apesar de algumas buscas a que procedemos na referida zona do Carvalhido, para onde nos reportava Magalhães Basto, nada podemos apurar também. Terá sido demolida tal fonte? Transportada para outro local? Foi-nos impossível nas presentes circunstâncias, prolongar por mais tempo as diligências de identificação desta obra. Estamos, porém, em persistir na sua localização de zona da Ribeira onde aliás a localiza, com o seu nome ainda antigo o P.^e Manuel Pereira de Novais: «Y en fuente de aurina esta fuente namantial y otra en la Lada que esta muy Cauernosa y baxa y es frigidissima y no muy leue. Luego despues de la Puerta de los Guindaes esta fuente en cima de la Peña que llamamos de la muerte; desta se conduse la agua Para todas aquellas fuentes que ay desde la Puerta de la Ribera hasta la de los Guindaes. Principalmente Para aquella Prodigioso Chafariz que se hiso en el medio de la Praça de la Ribera y por el Rio arriba ay la fuente del Carauallino, y luego a das Lagrimmas y en el Prado del Obyspo dos, y otra en la Quinta de la China, muy copiosa...» ¹³. Teríamos, assim, como mais plausível e razoável a identificação com a referida Fonte de «Mal-me-ajudas».

Ficamos por hoje, por isso e tão só, com esta parca referência e com esta rápida incursão documental que apesar de tudo julgamos de interesse divulgar. Ao fim e ao cabo elementos indispensáveis para a atribuição segura de mais de uma obra a Nazoni a qual vem, por seu turno, engrossar o número das muitas que nos deixou. Construída por outro lado num período pouco conhecido mas importante, segundo cremos. Na verdade, coincide com uma fase decisiva da vida de Nazoni quando, possivelmente regressado ao Porto, (vindo da construção de obras de que se desempenhara na Província) — aqui na Cidade inicia nova e intensa etapa de actividade ¹⁴.

¹² Magalhães Basto. *Apontamentos para um dicionário de Artistas...*, ed. cit., p. 507.

¹³ P.. Manuel Pereira de Novais. *Anacrisis historial*, Ed. da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Collecção de Manuscritos Inéditos Agora dados à Estampa, IV, Porto, 1913, vol. II, p. 46.

¹⁴ Magalhães Basto. *Nazoni e a Igreja dos Clérigos*, Porto, 1950, pp. 14-15.

O contrato desta Fonte das Lágrimas para a Câmara, a executar em granito, surge assim praticamente em paralelo com obras de madeira que no mesmo ano efectuava para outros clientes. Desse mesmo ano data, com efeito, a execução para a Igreja de Santo Ildefonso, do Retábulo da Capela-Mor (com as sanefas para portas e janelas da mesma Capela). Ob.a, outrossim, durante muito tempo desconhecida ¹⁵ atestando a intensa actividade para este ano de 1745.

Impossibilitados de levar mais além as buscas e porque, de facto, mais cuidado nos não move que esta simples nota de referenciação, deixamos aos estudiosos do barroco e do urbanismo portuense a tarefa mais importante da identificação final desta Fonte das Lágrimas (que, se porventura não está, já esteve algures entre a Ribeira e a Quinta da China) e o cuidado de um estudo mais alargado e completo — se ela o merecer — como creio, atenta a autoria da mesma.

¹⁵ Conde de Campo-Bello. *Uma obra de Nazoni ainda desconhecida*, in «O Tripeiro», 1945, 1.º vol. 5.ª Série, p. 29.

APÊNDICE DOCUMENTAL

ARREMATACÃO DA FONTE DAS LÁGRIMAS ASSENTO DA VERAÇÃO DE 18 DE SETEMBRO DE 1745

Vereação de dezoito de Setb.ro de Mil Sete Centos e quarenta e Cinco Annos nesta Cid.^e Cennado da Camara a que aCestirão o Dr. Juis de fora dos orfaos qSerue do g.^{al} e os Vereadores Dr. Bartolomeu de Noronha vereador actual e Conçalo de Almeida e Souza e o Procurador da Cid.^e e os do Pouo.

E Logo nesta mesma vereação se Rematou a fonte das lagrimas por Silvestre M.^a da freg.^a de Moreira na forma do Modello e apontam.^{tos} q̃ fes D. Nicolao Nazony, por preso de trezentos e nouventa mil Reis e se obrigou a sua Custa a dar Cumprim.^{to} a tudo q̃ se achar no d.^{to} Modello e apontam.^{tos} p.^a Satisfação de tudo obriga sua pesoa e bens sendo mais fiadores Joze Morejra da Silua e Francisco Alues e Nicolao Morejra da Freguezia de V.^a Noua da Telha e de Moreira e Manoel Luis da freg.^a de Leça q̃ todos assignarão e p.^a uer se vay tudo na forma do d.^{to} Modello e apontam.^{tos} hira ver o d.^{to} Nicolao Nazoni com o Procurador da Cid.^e declaro q̃ logo Se lhe mandou dar p.^a principio de obra Cem Mil Reis e outros Cem se lhe dara no Mejo da obra e o Resto no fim

Siluestre Mor.^a
Fran.^{co} Alz
M.^{el} Luis

Joze Mor.^a da Silua
Nicullau Moreira

E nesta forma derão esta Veriação por finda despachando patições e deferindo aos mais Requerim.^{tos} de q̃ fis est Tr.^o q̃ assignarão

João Thomas de Ar.^o Rangel e Castro o escreuy
Noronha Almeida SS Pedrossem

(Gab. de Hist. da Cid. do Porto, Liv. das
Verações, N.^o 79 — Anos 1744-46 — p. 86 v.).